Jornaldo Sinicit

SINDICATO NACIONAL DOS SERVIDORES PÚBLICOS FEDERAIS NA ÁREA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SETOR AEROESPACIAL

Eles fizeram a sua parte, quem vai substituí-los



Aposentadorfa SOM CONCUISOS LOVA Programa Espacial an enlapso



Trabalho Página 3

Campanha salarial: a decepção dos servidores federais Aposentados Página 4

Servidores se aposentam e não há reposição de pessoal Memória Página 7

Ciência e Tecnologia: o lema da Inconfidência Mineira continua atual

EDITORIAL http://www.sindct.org.br

INPE, DCTA, PROGRAMA ESPACIAL: O Brasil espera da gente

A sociedade científica quer que o Programa Espacial Brasileiro seja estruturado como política estratégica de desenvolvimento

Metas bem
definidas, modernas
ferramentas de
gestão, aporte de
recursos financeiros,
carreiras atrativas e
salários que atraiam
e conservem os
melhores talentos
na atividade de
C&T espacial são
necessidades
imediatas.

Os resultados da campanha salarial são causa de forte clamor entre os servidores das instituições de C&T. Em verdade, não há o que celebrar. Quando buscávamos o reconhecimento da C&T como carreira estratégica, o governo ficou devendo até mesmo a mínima reposição das perdas inflacionárias.

Perde o povo brasileiro, e vem perdendo por longo tempo. Já em 1918 Santos Dumont alertou para uma realidade: os EUA fabricavam ostensivamente aviões, num momento em que o congresso americano ordenava a construção de 22,000 aeronaves. O centro de desenvolvimento aeronáutico que ele antevia somente veio a se concretizar 30 anos depois! Amargamos enorme atraso tecnológico: enquanto os EUA pisavam a lua, nós lançávamos o Bandeirante,

projeto IPD-6504, que deu origem à Embraer. Sob a alegação de "Tecnologia Sensível", enfrentamos embargos dos países fornecedores de sensores e tecnologias embarcadas em nossos artefatos. Para vender os nossos aviões temos que pedir autorização dos fornecedores destes artigos.

Vagões de ferros X chips

O Brasil segue sendo fornecedor de commodities, de produtos primários, sem valor agregado, de baixa remuneração, fazendo o trabalho sujo. Trocamos toneladas de minério de ferro por um chip, enquanto um quilo da aeronave Embraer 195 custa 7000 vezes o do mesmo minério; já pagamos por um foguete estrangeiro o lançamento de um satélite ao custo de US\$ 450 mil por quilo.

Os países detentores de tecnologia espacial de observação enxergam em nossa terra o que nós nem sonhamos! Queremos como eles as ferramentas modernas que facilitam a vida do agricultor, ajudam a prever e alertar acidentes naturais, facilitam as comunicações, tornam mais segura a nossa aviação, ajudam a vigiar e proteger as nossas fronteiras entre outros beneficios.

Uma questão de soberania

Acorda sociedade, acorda

governo brasileiro, nossa soberania clama! A sociedade científica quer que o programa espacial brasileiro seja estruturado como política estratégica de desenvolvimento, com metas bem definidas, modernas ferramentas de gestão, aporte de recursos financeiros, carreiras atrativas e salários que atraiam e conservem os melhores talentos na atividade de C&T espacial.

Há muito que mudar, a começar por decisão e vontade de fazer; o governo precisa decidir se quer mesmo desenvolver tecnologia espacial.

ELEIÇÃO NO SINDICATO

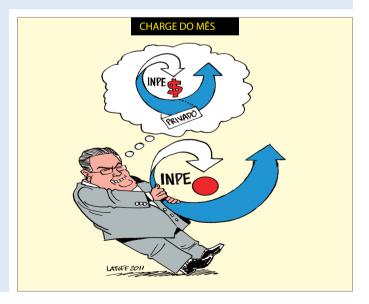
Servidores elegem nova diretoria do SindCT

Nos dias 13, 14 e 15 de setembro foram realizadas as eleições no SindCT. No total foram 1.048 votos, sendo 1.016 na Chapa 1 – Prosseguir na Luta, única chapa inscrita. A nova diretoria tomará posse no dia 10 de outubro. Conforme o estatuto do sindicato, para validação da eleição era preciso a participação de um terço dos filiados aptos a votar, ou seja, 796 eleitores. Confira na tabela ao lado a apuração detalhada dos votos.

Diretoria eleita do SindCT:

- Presidente: **Ivanil** Elisário Barbosa (DCTA)
- Vice-Presidente: Fernando Morais Santos (INPE)
- Secretário Administrativo: Sérgio Rosim (INPE)
- 1º secretário de Finanças: Luis Elias Barbosa (INPE)
- 2º Secretário de Finanças: **Geraldo** Orlando Mendes (INPE)
- Sec. Jurídico e de Saúde do Trabalhador: Mário Afonso R. do Canto (DCTA)
- Secretário de Aposentados: José Aílson Rosa (DCTA)
- Secretário de Comunicação e Cultura: Vítor Antonio Portezani (INPE)
- Secretário de Formação Sindical: **Gino** Genaro (INPE)
- Suplente: Laís Maria Resende Mallaco (DCTA)
- Suplente: Alison de Oliveira Moraes (DCTA)
- Conselho Fiscal: Neusa Maria do Carmo (INPE)
- Conselho Fiscal: Luiz Fernando Figueiredo Bernabé (DCTA)
- Conselho Fiscal: Edmilson Ribeiro da Silva (DCTA)
- Suplente do Conselho Fiscal: Myrian Curci Borçato (DCTA)

Urna	Chapa 1	brancos	nulos
1 (IAE/AMR/ASA)	230	7	0
2 (IFI/CSG/DivEng./ Bancos/GIA/Pref)	73	3	0
3 (ITA/Bilas/Rancho)	54	3	1
4 (IEAv/Usina/Est. Trat/Comando)	61	1	4
5 (INPE-SJC)	244	7	3
6 (INPE/CP)	107	2	0
7 (aposentados)	247	0	0
TOTAL	1016	23	8



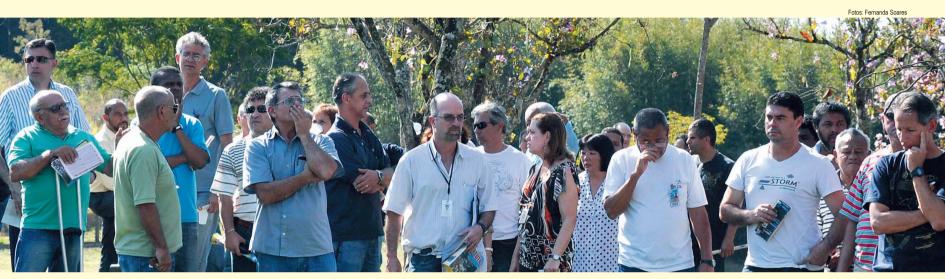
EXPEDIENTE JORNAL DO SINDCT: Jornal do SindCT é uma publicação do Sindicato Nacional dos Servidores Públicos Federais na Área de Ciência e Tecnologia do Setor Aeroespacial – fundado em 30 de agosto de 1989 • Rua Santa Clara, 432, Vila Ady Anna • CEP 12.243-630 • São José dos Campos - SP • Tel/fax: (12) 3941-6655 • Responsabilidade editorial: a diretoria • Horário de atendimento na sede: 8h30 às 17h30 • Tiragem: 7.000 exemplares / 2.500 assinantes eletrônicos • Jornalista Responsável: Fernanda Soares Andrade (MTB 29 972) • Edição: Claudia Santiago (MTB 14915) • Reportagem: Fernanda Soares, Marina Schneider (MTB 29.769/RJ) e Sheila Jacob • Designer: Daniel Costa

Trabalho http://www.sindct.org.br

CAMPANHA SALARIAL 2011

Fim de negociação decepciona servidores

Com o discurso de crise internacional e contenção de gastos, o Governo Federal encerrou as negociações com o funcionalismo público, decepcionando a todos, principalmente a carreira de Ciência e Tecnologia.



O resultado das campanhas salariais da maioria dos trabalhadores do serviço público federal neste ano foi decepcionante. Mesmo as carreiras que entraram em greve ficaram sem reajuste, ou com reajustes muito baixos.

O governo deu um ultimato: "quem não fechar o acordo agora fica de fora e vai discutir de novo em 2012 para 2013". Não foi dada chance de contraargumentação. Para a C&T foram oferecidas apenas:

1) Incorporação de parte da Gratificação por Desempenho e Atividade em Ciência e Tecnologia (GDACT). 2) Incorporação total da Gratificação Temporária em Ciência e Tecnologia (GtempCT), ao vencimento básico a partir de julho de 2012.

A incorporação das gratificações significa um ganho baixo, em torno de 6%, apenas para os servidores mais antigos, na remuneração final, pois os cálculos de anuênio, insalubridade e periculosidade são feitos sobre o vencimento básico do servidor.

Sem reajuste e perdas

Os servidores mais novos, que não possuem anuênio, e os

servidores que não recebem o adicional por periculosidade ou insalubridade não terão qualquer reajuste.

Já os servidores que necessitam de auxílio transporte tiveram perdas. O cálculo para o desconto do auxílio também é feito sobre o Vencimento Básico, que aumentou, sem aumentar a remuneração final. Portanto, para esses servidores, o único aumento foi o desconto no salário.

Todas as entidades sindicais presentes nas negociações saíram decepcionadas com os percentuais empurrados goela abaixo e, principalmente, com a maneira como o Governo Federal tratou as negociações.

O SindCT e o Fórum de C&T sentiram que houve omissão do ministro da carreira, Aloizio Mercadante, que discursava a favor do reconhecimento do servidor de C&T, mas nada fez para lutar pelo salário da categoria.

No termo asssinado, o Governo se compromete a dar continuidade nas negociações, com base na tabela apresentada em 2009. Esperamos agora um maior comprometimento do ministro. E vamos cobrá-lo!



JORNAL DO SINDCT

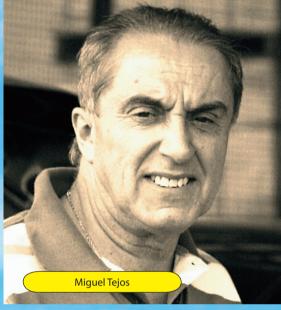
SETEMBRO DE 2011

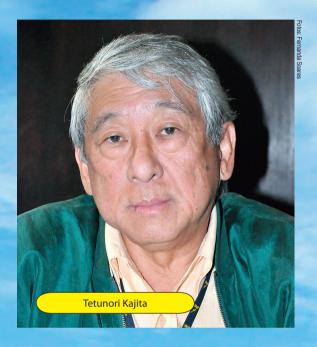
APOSENTADOS HTTP://www.sindct.org.br

PERIGO DE ESVAZIAMENTO: Sem concurso sobram lugares vazios

Servidores se aposentam e não há reposição de pessoal







A continuidade dos projetos é a grande preocupação dos que se aposentam. Servidores têm amor pelo trabalho e não querem que a memória

tecnológica se perca

Por Fernanda Soares

A carreira de C&T está perdendo seu pessoal especializado. Desde o ano passado, dezenas de servidores do INPE e DCTA entram com pedidos de aposentadorias e não há concursos para a reposição deste pessoal.

Yukari Yoshioka Iamamura, tecnologista sênior, foi servidora do IAE por 28 anos. Ela é uma das especialistas que deixou a instituição neste ano. Yukari trabalhava no laboratório químico dando apoio a projetos da área espacial do sistema de defesa. Diferentemente do que ocorre com muitos servidores, Yukari pôde passar seu trabalho para uma engenheira química, porém militar.

Ela também era responsável por um elo da Qualidade da Divisão de Sistemas de Defesa. Essa função transmitiu a um colega, servidor já antigo no DCTA.

"Os servidores que entra-



ram na década de 80 estão se aposentando agora. É uma grande perda de recursos humanos, de pessoas bem especializadas. E quem pega essa herança?".

Na Divisão de Materiais (AMR), do IAE a preocupação dos servidores é a mesma.

Roseli de Fátima Cardoso e seu colega, ambos técnicos em química, são os únicos no laboratório de química dessa divisão. Eles já completaram 27 anos de trabalho.

"Todos os técnicos em química do IAE têm em torno de 27 a 29 anos de trabalho", diz Roseli.

Em pouco tempo esse pessoal estará se aposentando e não há novos servidores para aprender com as pessoas mais experientes.

Tetunori Kajita, pesquisador e servidor do DCTA desde 1973, pediu a aposentadoria em março deste ano. Kajita trabalha com blindagem balística para aeronaves e também precisou passar seu trabalho para colegas antigos na divisão.

A continuidade dos projetos é a grande preocupação de Kajita. "Não só minha como de todos os colegas. Temos muitos projetos que, se o pessoal se aposentar, param."

Esta é também a preocupação de **Miguel Enrique Saldívia**."O maior problema no DCTA é a falta de concursos para repor os servidores aposentados. Quem sai precisa passar para quem chega a memória tecnológica do DCTA. Caso contrário, o conhecimento vai se perdendo no tempo", afirma.

Miguel Enrique é tecnologista sênior. Trabalhou no DCTA durante 35 anos. Aposentou-se em 14.07.2011. Era chefe da Qualidade da Divisão de Materiais do IAE. Eu sempre pratiquei a ideia que todo servidor deveria ter um substituto, aprendi isto de um militar. Assim, quando previ minha aposentadoria conseguimos definir meu substituto e mais tarde me esforçei para reforçar a equipe da Qualidade da AMR.

A AMR tem hoje cerca de 70

servidores. Kajita lembra que este número já chegou a 240, quando desenvolviam menos projetos.

Conhecimento desperdiçado

Francisco Cristóvão Lourenço de Melo, também servidor da AMR, conta que conseguem desenvolver projetos hoje com a ajuda de bolsistas e alunos. "Mas são temporários. O governo investe seis anos nessas pessoas e depois a indústria contrata."

Francisco faz uma dura crítica à falta de concursos e de pessoal qualificado. E exemplifica contando a história de um casal de amigos: "Os dois estudaram a vida inteira em escolas públicas. Fizeram graduação, pós-graduação e mestrado em universidades federais. Para o doutorado, conseguiram bolsa do governo brasileiro e ficaram quatro anos estudando na Inglaterra. Quando voltaram para o Brasil não conseguiram emprego. Ficaram desempregados por um ano até conseguir trabalho em Portugal. Ou seja, o governo deve ter gasto em torno de 400 mil dólares com a educação de cada um e eles foram aplicar seus conhecimentos e dar retorno desse aprendizado para outro país."

Setembro de 2011 ■ Jornal do SindCT

APOSENTADOS http://www.sindct.org.br

DCTA: Burocracia interna atrasa processo de aposentadoria

Servidores do DCTA estão com problemas para conseguir se aposentar

Uma servidora que não quis se identificar nos contou que sua aposentadoria demorou mais de um ano para sair. Por causa da demora, seus planos foram prejudicados. "O pior é não saber quando irá sair a aposentadoria", diz.

Neste ano, o SindCT solicitou aos servidores que enviassem cópias dos pedidos de aposentadoria ao sindicato. Com a documentação, o SindCT pôde intervir e agilizar o processo desses servidores.

O Sindicato também solicitou ao DCTA que fornecesse a lista de servidores com pedidos de aposentadoria, porém o DCTA se recusou a fornecer.

O SindCT esteve em visita ao DIRAP, órgão culpado pelo DCTA na questão dos atrasos, em junho deste ano. Os diretores puderam constatar que a estrutura do setor responsável é precária, porém não justifica os atrasos nas emissões das aposentadorias.

A conclusão que se tira é que o DCTA segura, o máximo que pode, as aposentadorias dos servidores

SindCT já entrou com Mandado de Segurança

Em vista da grande demora na emissão de aposentadorias no DCTA, o SindCT entrou com pedido de Mandado de Segurança na Justiça Federal de São José dos Campos.

O mandado requer que todos os processos de aposentadoria sejam examinados no máximo com 30 dias. Caso contrário, SindCT requereu que o DCTA pague multa diária de R\$ 1.000,00 por servidor.

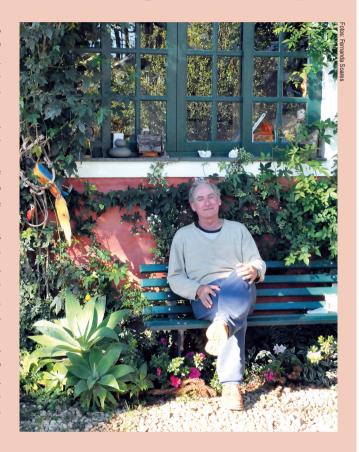
Requereu ainda que, se a decisão de concessão de aposentadoria pelo DCTA demorar mais de 30 dias, o servidor seja autorizado a aguardar em casa, com recebimento se sua remuneração e seja paga multa de 1/30 de sua remuneração por dia de atraso.

Aplicando a tecnologia no campo

Francisco Abranches, servidor aposentado do INPE, retornou à sua origem e hoje vive num sítio em Sapucaí Mirim. Abranches viveu até os 17 anos em sítios. "As pessoas estranham eu morar aqui porque não sabem que fui criado assim".

A principal atividade de Abranches hoje é o cultivo de framboesas e a produção de geleias. Abranches fez alguns cursos para se especializar na área, mas não nega que aplica os conhecimentos em tecnologia, adquiridos ao longo da vida, em seu pomar.

Com muita história para contar sobre sua vida no INPE, o SindCT preparou para esta edição uma reportagem especial com Abranches, veja nas páginas 8 e 9.



PSICOLOGIA: confito entre liberdade e inatividade

Sentimentos ambíguos relacionados à aposentadoria precisam ser enfrentados por todos nós

Por Siman Cândido*

A compreensão da importância do tema aposentadoria fica mais clara quando identificamos os sentidos e significados do trabalho para os indivíduos e para a sociedade, ou seja, o ato de aposentar-se impõe conflitos permeados pelo papel central do trabalho no processo de constituição de nossa identidade. O lugar do trabalho é tão privilegiado que basta observarmos como nos

apresentamos: "Olá, eu sou a Siman, psicóloga"; "Muito prazer, sou a Helena, professora"; e assim por diante. Diante do reconhecimento pelo o que fazemos é compreensível a valorização dada ao trabalho pelos indivíduos.

A aposentadoria, em contrapartida, implicará em um rompimento com essa identidade profissional. Ser aposentado é deixar de ser Siman, a psicóloga; ou Helena, a professora. Seremos simplesmente Siman e Helena as "aposentadas" ou, de forma depreciativa, as "ina-

tivas". Lidar com esta perda pode levar o indivíduo a experimentar um processo de inatividade, gerando conflito entre a sua ainda existente capacidade produtiva e o estigma da nãoação habitualmente relacionado ao estereótipo de aposentado.

Mas se por um lado a aposentadoria pode gerar estes sentimentos de crise, ela também pode promover, concomitantemente ou não, a sensação de liberdade. A aposentadoria também pode ser vivida como uma recompensa à dedicação e esforço empreendidos ao longo de uma carreira de trabalho. Além de possibilitar a concretização de planos e sonhos protelados por muito tempo.

Essa ambiguidade de sentimentos é apenas um aspecto para reforçar a importância da preparação para esta nova etapa da vida, pois ela poderá ter consequências em outras áreas da vida, como por exemplo, na esfera familiar.

*Siman Cândido é psicóloga clínica epecializada em orientação profissional e de carreira.



LIVRO

Combatendo a desigualdade social - O MST e a Reforma Agrária no Brasil Organizador: Miguel Carter Editora: UNESP



A coletânea Combatendo a desigualdade social reúne estudos sobre a situação agrária brasileira e o MST. A obra é organizada pelo professor Miguel Carter, da American

University (EUA). Aborda o tema da desigualdade no campo, suas origens, consequências e formas de reação e luta contra essa situação. Os textos aqui reunidos são escritos por diversos autores, brasileiros e estrangeiros, especialistas na questão agrária e em movimentos sociais. Eles mostram que, ao contrário do que diz a chamada "grande mídia", o MST contribui para o fortalecimento da democracia no Brasil. O livro também apresenta dados sobre a questão do campo brasileira, mostrando a importância da reforma agrária para reduzir as desigualdades sociais.

FILME

Biutiful

Direção: Alejandro Gonzalez-Iñarritu Duração: 147 min



O cotidiano de Uxbal, repleto de contradições e exploração, faz desse drama, ambientado em Barcelona, na Espanha, um choque de realidade. Muito atual. Pai de-

dicado de dois filhos pequenos, Uxbal tem que lidar com a ex-mulher bipolar e com a paranormalidade. Consegue ouvir o que os mortos que estão de passagem para o "outro mundo" têm a dizer. A exploração de imigrantes ilegais é a chave de seu trabalho: ganha dinheiro através de imigrantes africanos ilegais que trabalham como camelôs. Depois, negocia mão-de-obra chinesa que é explorada na construção civil. Uxbal não se desfaz por completo de sua humanidade: exploração e cuidado aparecem juntos na relação dele com alguns destes trabalhadores. Um câncer diagnosticado tardiamente acentua o drama dirigido por Alejandro Gonzalez-Iñarritu e expõe ainda mais a brutalidade e, ao mesmo tempo, a fragilidade deste herói trágico. O filme rendeu a Javier Bardem o prêmio de melhor ator no Festival de Cannes de 2010.

CULTURA HTTP://www.sindct.org.br

INPE: Ciência e cultura

Nossa gente também é cultura

Peças produzidas por servidor do INPE já participaram de três exposições entre julho e setembro deste ano. Em outubro ficarão expostas no espaço Flávio Craveiro.

Por Fernanda Soares

Gilberto Vieira Mendes, técnico em informática, é servidor do ITA/DCTA há 26 anos. De Taubaté, viu no ITA não apenas uma oportunidade de emprego, mas uma forma de também continuar seus estudos. Paralelamente ao seu trabalho no instituto, Gilberto foi proprietário de uma empresa de informática por 16 anos. A empresa fechou há três anos e muito material ficou parado. Parte, Gilberto vendeu ou doou para escolas de informática. Outra, sem valor comercial, sobrou. Foi rejeitado pelas escolas. Ele não queria jogar no

lixo, destino comum nesses casos, para evitar a contaminação do meio ambiente.

Em abril deste ano, um trabalho de escola da filha Gabriela deu destino a uma pequena parte da sucata armazenada em casa. O trabalho era a confecção de uma plataforma de petróleo, com torres e helicópteros. A maquete teve uma excelente repercussão e as amigas da Gabriela queriam levar as peças pra casa.

Incentivado pela esposa Teresa, que também trabalha com artesanato, e após o sucesso da maquete, Gilberto passou a olhar as sobras de informática de forma diferente. Decidiu criar.

HDs, placas, circuitos e mouse começaram a se transformar em aviões, aranhas, anjos, pássaros, grilos, cobras, tartarugas, robôs, vasos de flores...

"As ideias vem conforme vou encontrando as peças pelo caminho. Às vezes olho a peça e tenho vontade de fazer três esculturas de uma só vez". Inspirado nos anos de trabalho do INPE, os satélites SCD e CBERS ganharam sua versão miniaturizada nas esculturas de Gilberto.

Em poucos meses de trabalho, já produziu mais de 60 peças, todas catalogadas com a indicação dos materiais utilizados, todos reciclados. O único material que utiliza que é comprado é a cola quente.

"Quero que as pessoas passem a dar valor ao lixo e tirem essas coisas do descarte. As pessoas precisam rever seu consumo e ter novos conceitos. A terra já não comporta todo esse lixo nosso."

Suas peças já participaram de três exposições entre julho e setembro deste ano. Em outubro ficarão expostas no espaço Flávio Craveiro durante todo o mês.

Os filhos de Gilberto, Tiago e Gabriela, agora possuem mais atribuições em casa. Eles ajudam o pai a divulgar seu novo trabalho através do fotoblog: http://artecomreciclavel.nafoto.net/



SETEMBRO DE 2011 ■ JORNAL DO SINDCT

Memória e Nossa História

HTTP://WWW.SINDCT.ORG.BR

UM SONHO DISTANTE: libertas quae sera tamen

O lema da Inconfidência Mineira continua atual

O sonho de se construir uma verdadeira nação brasileira, onde o Estado e suas instituições estejam a serviço do bem comum, cumprindo as funções a que se destinam, ainda não se concretizou. Passados mais de dois séculos, esse sonho parece ficar ainda mais distante.

Enfatizamos o lema dos Inconfidentes, não por saudosismo ou por razões filosóficas sobre o destino do Brasil, mas



para que possamos tecer algumas considerações sobre a história recente do INPE e o anunciado desfecho da atual gestão, que já vai completando seis longos anos.

Diz-se popularmente que a história é sempre cíclica. Mas nas duas últimas décadas, a história do INPE tem proporcionado grandes períodos negativos ou de destruição, intercalados por curtas fases de otimismo e reconstrução.

Uma viagem pela nossa história

Não vamos nos alongar na década de 90, onde a visão equivocada de Estado Mínimo quase levou ao sucateamento das universidades públicas e das instituições de pesquisa e desenvolvimento. O INPE não foi exceção.

Da Redação -Arquivo SindCT

2002

Começamos nossa viagem a partir de 2002, quando um período de reconstrução se iníciava. Dispensa comentário a situação desastrosa da instituição:

- Salários extremamente defasados
- Equipes desmotivadas e desfalcadas
- Setor empresarial na área espacial praticamente inexistente

O orçamento do INPE naquela época também era muito baixo e naturalmente insuficiente para qualquer tentativa de novos programas.

Um trabalho sério, competente, discreto, sem polêmicas, sem propagandas ou foguetórios, foi iniciado pela direção que tinha acabado de ser empossada.

Várias frentes foram atacadas simultaneamente, como recomposição orçamentária do INPE, planejamento de uma Política Industrial capaz de recuperar o setor espacial, estabelecimento de novos acordos com a China, reorganização das equipes da engenharia espacial e modernização da infra-estrutura.

2003

Os resultados não tardaram a aparecer: em outubro de 2003, era lançado o CBERS-2. A recomposição orçamentária foi concretizada, fruto de um trabalho cuidadoso e bem articulado comandado pela então direção do INPE, onde participaram a AEB, o MCT e membros do Congresso Nacional. Isto possibilitou que se iniciasse a construção do CBERS-2B, e que no início de 2004, fosse iniciado o desenvolvimento da nova geração de satélites em parceria com a China - CBERS 3/4.

Nesta nova geração, a participação brasileira aumentou para 50%. Além disso, esses dois últimos satélites possuem câmeras de maior sofisticação do que na primeira geração.

Política Industrial ousada

Uma Política Industrial

ousada foi adotada para o desenvolvimento dos subsistemas e equipamentos sob a responsabilidade brasileira.

Todos esses subsistemas
e equipamentos
foram contratados
integralmente na
indústria brasileira,
num montante
da ordem de
U\$ 300 milhões.

As contratações foram realizadas obedecendo rigorosamente a Lei de Licitações 8666, com sucesso absoluto, considerado anteriormente como algo impossível. Isto se constituiu num dos mais belos exemplos de Política Industrial já realizados no país, dentro da diretriz governamental de Pesquisa: Desenvolvimento e Inovação.

Essa Política Industrial recebeu à época vários elogios, tanto de importantes setores do governo como da iniciativa privada.

2005

Ao final de 2005, o INPE tinha readquirido um ritmo somente comparável aos áureos tempos do final dos anos 80.

O Instituto estava "redondo" nas palavras de membros da antiga direção.

Três satélites estavam em andamento, entre os quais, destaca-se o CBERS-2B, construído e posto em órbita em prazo recorde.

A Política Industrial e a recuperação do setor espacial causavam entusiasmo, a recomposição do orçamento possibilitava que os contratos e a respectiva execução orçamentária fossem realizados a contento.

Recuperação do quadro

Embora de forma lenta, a recuperação dos quadros do instituto vinha sendo realizada através de concursos públicos. O único ponto que causava grande preocupação naquela época era a questão salarial. Um esforço conjunto, realizado pela antiga direção e o SindCT, só foi gerar frutos algum tempo mais tarde, em 2008 e 2009, com aumentos reais superiores a 50%, melhorando a situação de penúria que já perdurava há mais de uma década.

Exatamente nessa época,

final de 2005, a atual direção assumia o comando e os destinos do INPE. As razões da mudança de direção ainda são motivos de polêmicas. Por que retirar uma direção que vinha conduzindo bem o instituto e gerando resultados promissores?

O novo diretor levou para o instituto uma visão parcial sobre as finalidades do INPE. Focava sempre a importância da área ambiental, subestimando as áreas de ciências espaciais, pósgraduação e principalmente as áreas de tecnologias espaciais.

Com o INPE sob nova direção, os ataques gratuitos às áreas de ciências espaciais, pós-graduação e tecnologias espaciais passaram a ser frequentes. Os primeiros ataques destinaram-se aos Laboratórios Associados. Em seguida, a ETE e o LIT passaram a ser alvos.

JORNAL DO SINDCT ■ SETEMBRO DE 2011

ENTREVISTA

RETRATOS DA VIDA E DO TRABALHO: entrevista com o engenheiro Francisco Abranches Pinheiro

"Subcontratação não funciona e ninguém transfere tecnologia"

Francisco Abranches
Pinheiro tem 67 anos.
Quase a metade vivida
entre as paredes do
INPE e DCTA.

Ainda hoje, morando em uma fazendinha em Sapucaí Mirim-MG, onde planta pés de framboesa e de oliveira, ele transpira mecânica e tecnologia. O engenheiro usa todo este conhecimento para potencializar a sua plantação. Em entrevista ao Jornal do SindCT, categórico afirmou: ninguém transfere tecnologia. Ele pode fazer tal afirmação: trabalhou na concepção de produção da satélites e foguetes no INPE e DCTA. Falou também do desenvolvimento da ciência espacial na periferia do sistema mundial e revelou certa nostalgia ao falar sobre a perda de oportunidades históricas para avançar na construção de uma verdadeira engenharia de sistemas. Desta entrevista participaram a jornalista Fernanda Soares e os colegas do entrevistado Luiz Elias, Pedro Cândido e Vitor Portezani.

Jornal do SindCT: Gostaríamos que o senhor se apresentasse.

Francisco Abranches: Quando você me ligou falando que viria, eu fiquei pensando em como me apresentar. Meu avô era engenheiro, meu pai é engenheiro e eu sou engenheiro. Meu pai ficou com medo da guerra e comprou uma fazendinha. Eu nasci numa casa de pau a pique no meio do mato. Até os 17 anos eu vivi em fazenda, sítio... Depois eu vim pra São Paulo para fazer o científico, aí fiz o ITA. Figuei professor no ITA 20 anos, depois fui pro INPE e fiquei trabalhando no satélite SCD1. Depois que me aposentei trabalhei numa firma espacial por dez anos e dei aulas na Argentina.

Jornal do SindCT: Como é viver em Sapucaí?

Abranches: Comprei aqui um sítio com 10 hectares, sem cachoeira e sem rio. Sapucaí sobrevivia da serraria. De tanto explorar a madeira (pinus) acabou. Dos seis mil habitantes da cidade, praticamente uns 1.200 viviam de serraria. O comércio é pequeno. Não tem indústria, agricultura. Três mil habitantes vivem na área rural. É uma cidade pobrezinha.

Jornal do SindCT: Como a cidade se formou?

Abranches: Os fazendeiros foram morrendo e os filhos herdando as terras. As fazendas foram sendo repartidas e viraram sítios.

Alguns pequeninhos de casa de beira de estrada, alguns maiores. Sou presiden-

> te da Associação de Turismo. A ideia é trazer o turismo pra cá para gerar emprego, orçamento, dinheiro, para o turismo ecológico.

Jornal do SindCT: Da parte administrativa e gerencial, **agora você foi pra política... Abranches:** Eu não sou político, não. Quando há reuniões

na Câmara eu participo.

Jornal do SindCT: Então você está fazendo política.

Abranches: É uma política...

Jornal do SindCT: Não é uma política partidária.

Abranches: É, não vai de confronto ao poder. É participar, fiscalizar no Conselho de Turismo e na Associação de Turismo.

Jornal do SindCT: Você planta oliveiras?

Abranches: Meio hectare. O plantio tem que ser bem longe uma da outra. Tá começando agora. No ano retrasado colhi a primeira produção. No ano passado não deu nada. Esse ano vai dar. A oliveira é que nem café, dá um ano sim o outro não.

Jornal do SindCT: Aqui no sítio qual a sua principal atividade?

Abranches: Pomar. Comecei com o pomar, três plantas de cada, três pessegueiros, três macieiras. Não deu certo, arranca.

Jornal do SindCT: Isso é pra sua sobrevivência?

Abranches: Eu plantei o pêssego paulista. E não dava certo. Aí fui num curso de uma mulher do Rio Grande do Sul que falou que aqui é frio e eu teria que plantar o pêssego do Rio Grande do Sul. Então estou com o pêssego de lá e da China. E para dar esse pêssego demora muito tempo, de 7 a 10 anos.

Jornal do SindCT: Você fez vários cursos focados na agricultura. A mecânica já foi o seu carro chefe.

Abranches: Se você olhar, tenho até torno aqui.

Jornal do SindCT: Então você está usando aquilo que você aprendeu.

Abranches: E mais algumas coisinhas.

Jornal do SindCT: Está usando o que aprendeu, mas focado na sua raiz, a agricultura. Abranches: Foi minha mulher que me trouxe para cá.

Jornal do SindCT: A sua esposa o trouxe aqui, o senhor ficou e ela voltou pra SJC?

Abranches: Ela é diretora do Grupo de Apoio à Criança com Câncer (GACC). Ela tá entranhada lá... Aquilo lá é uma loucura. O GACC começou vendendo camiseta e hoje é referência de toda a região do Vale do Paraíba, litoral de São Paulo e Sul de Minas. Eles começaram com 20 crianças e hoje têm mais de 200 crianças. Antigamente a ajuda do município era enorme, hoje é ridícula.

Jornal do SindCT: O senhor trabalhou no DCTA. Fazendo o que exatamente?

Abranches: Na área espacial. No começo eu trabalhei uns quatro anos no IEAv (Instituto de Estudos Avançados). Em projetos confidenciais.

Jornal do SindCT: Mas o senhor começou no ITA.

Abranches: É. Fui 20 anos professor no ITA. Departamento de Projeto e Controle. Ficava na Mecânica. Quando entrei era o pior departamento do ITA. Não tinha nada. Vieram os americanos com a energia, vieram os franceses com a eletrônica. Na parte de mecânica tinha um professor que era de Ann Arbor (Estados Unidos). O meu professor tinha projetado, durante 50 anos, milhões de máquinas. E eu fiquei com ele uns 10 anos. Aprendi a ser projetista de máquinas, desde uma moenda de cana até satélites, pra mim era tudo a mesma coisa. Eu devo ter projetado umas duas mil máquinas, pra GM, pra Ford, para as indústrias. Eu precisava de um supercomputador, o único supercomputador brasileiro era da Embraer. Um aluno me avisou que na legislação brasileira tinha uma brechazinha, aí comprei um supercomputador dos EUA e trouxe pra cá. No INPE precisávamos do supercomputador para calcular os satélites, fazer projeto de cálculo. No começo, a gente usava o CPTEC, que tinha dois supercomputadores, mas demorava um mês. Começamos a mandar os cartões pra São Paulo e de lá mandavam pra outro lugar, mas demorava cerca de uma semana e era só pra cálculo pequeno. Depois a gente passou pro supercomputador da Embraer. Mas a gente disparava o job sábado cedo e na segunda de manhã tinha que parar por causa da Embraer. E não terminava nosso cálculo.

Jornal do SindCT: a Embraer era estatal?

Abranches: Naquela época era.

Jornal do SindCT: O SCD1 seria lançado por um foguete brasileiro...

Abranches: Na concepção original, sim. O foguete brasileiro (VLS) não tinha ainda a especificação. Então a gente usava do Scout que era um foguete militar, do tipo rápido, não do tipo econômico que sai devagarzinho que nem o russo. O VLS era muito mais ameno que o Scout. Só que ele tinha suas especificidades. Então eu peguei essas especificações, juntei com a de outros foguetes, e fiz uma especificação que cobrisse tudo. Esse foi o sucesso nosso. Como a minha especificação abrangia vários tipos de foguetes, quando usamos o Pegasus, foi de letra.

O primeiro lançamento foi um satelitezinho da NASA. Não deu certo. Aí nós fizemos o segundo. O segundo lançamento do Pegasus foi o SCD1. E deu certo. Era meio truculentozinho. É botar fogo no bicho e ele sai que nem doido.



O terceiro vôo foi de um satélite argentino. Pifou também. E nós demos sorte também. Há 10 anos o sol estava num período de calmaria. Então o satélite, que era pra durar um ou dois anos, durou esse tempo todo. É muita coisa, muita coincidência. Por isso que ele aguentou pra caramba, não era pra aguentar tanto.

Jornal do SindCT: Quantas pessoas trabalhavam na sua equipe?

Abranches: Cinco pessoas. Aí terminou o SCD1 e o INPE saiu daquela de querer promover tecnologia e entrou naquela que a diplomacia brasileira precisava, queria entrar na China, pensando em vender coisas pra China. Coitado, mal sabia...

Eu li um livrão de como fazer comércio na China. Quando eu acabei de ler aquele livro eu pensei: que petulância do brasileiro. Aí nós fomos pra China. Nós fomos trabalhar com chineses já de idade, que tinham aprendido a parte espacial do foguete Longa Marcha.

O foguete chinês era uma cópia feita à mão do foguete russo. O problema deles não era lançamento, era satélite. Tinha um chinês lá que me enchia a paciência. O chinês chegava pra mim e dizia: "estamos lançando o 24° satélite. Quantos satélites o Brasil já lançou?". Mas eles não tinham documento nenhum. Não faziam cálculo nenhum. Quando a gente fazia cálculos e estatísticas o chinês perguntava: "onde você aprendeu isso?".

Jornal do SindCT: Desenvolver tecnologia custa caro?

Abranches: Muito caro. E o pior foi que entrou o computador. O computador foi a desgraça maior. Toda a frequência tecnológica foi passando pra dentro do computador. O conhecimento fica dentro da máquina, a indústria não precisava mais de um monte de engenheiro.

Jornal do SindCT: Volta a essa questão do satélite com a China.

Abranches: Os satélites tinham morte infantil. Lançava e um mês depois pifava. Eles não sabiam parafusar, não sabiam montar, só sabiam colocar rebite. Eles não tinham tecnologia. Mas essa era a ideia deles, desenvolver a partir do zero. Nenhum satélite deles durava mais do que um mês.

Jornal do SindCT: Mas no lancador...

Abranches: O lançador era russo. Voltando aos satélites. Paguei 10 mil dólares para um canadense ensinar a usar a cola. Era uma coisa que não existia, que é chamada de cola estrutural. Lá na Embraer eles usavam, mas era chamada de cola secundária, eu queria usar como primária. Toda vez que você tem um monte de gente trabalhando durante muito tempo num projeto muito complexo, se você não tiver engenharia de sistemas você se perde.

Jornal do SindCT: Como você acha que é para o INPE?

Abranches: Na época que o INPE tinha a função de contratação tecnológica, recursos humanos, a Embraer

contratava gente do DCTA, envolvia tecnologia e gente.

Jornal do SindCT: Hoje em dia, como você falou, tem muita coisa a partir da máquina, a gente acabou queimando etapas.

Abranches: Pra você usar um software você tem que saber o que tá lá dentro. Vou dar o exemplo da NASA. A NASA desenvolvia tecnologia, repassava pra fora. Eu não estou falando dessa ideia do INPE querer subcontratar porque isso não dá. A NASA foi subcontratando e virou uma engenharia de sistemas. Chegou uma hora que a tecnologia da Boeing estava mais avançada que a da NASA. Eles não eram capazes de bolar novos satélites. Eles tiveram que revitalizar toda a bagagem tecnológica. Se não, como é que eles iam numa expedição para Marte, como é que eles iam fazer toda a engenharia

de sistemas, toda a documentação, se eles não sabiam nem que diabo que era aquele negócio?

Os projetos internos da NASA tinham a função de revitalização tecnológica pra poder acompanhar a evolução tecnológica das contratadas.

Jornal do SindCT: você tocou num assunto interessante, da subcontratação.

Abranches: É uma ideia maluca. Não funciona. É tipo o INPE: vamos subcontratar pra fazer o que a NASA faz com a Boeing. Pelo amor de Deus. ANASA tem um problema que a tecnologia da Boeing é maior que a deles.

Jornal do SindCT: E a transferência de tecnologia?

Abranches: Não existe transferência. A tecnologia consome muito dinheiro. São centenas de pessoas trabalhando para saber se uma coisa funciona. Como que você vai transferir uma coisa pro

cara que vai concorrer com você? Não existe transferência. O que existe na parceria é um cara fazer uma parte e você fazer outra.

Vou dar um exemplo. Na placa solar do satélite tinha uma dobradiça. Trabalhamos dois anos, três engenheiros, pra descobrir como funcionava aquele negócio. Aí fomos para a China. Lá encontramos um painel solar lindo de morrer comprado na Alemanha. Conversei com o chinês. Ele disse: "rapaz, o maldito do alemão me deixava num hotel numa cidade vizinha, não podia nem ir à cidade onde eles fabricavam o painel solar". Tudo o que tinha de tecnológico estava ali naquela dobradiça. E o chinês bravo porque não podia nem ir na cidade. Ele não sabia o que tinha lá dentro, o que o projetista tinha pensado ao projetar aquilo.

Jornal do SindCT: Não transferia experiência nenhuma.

Abranches: Eu não conto nada pra você do que eu sou capaz de fazer. Custa caro. Vou dar um exemplo bem rameiro. Quanto custaram os cursos para eu plantar framboesa? 10 mil reais. Aí um dia no curso uma dona lá ficou brava porque eu tenho um caderno e vou anotando. Ela queria meu papel, meu caderno e eu disse: "vou te cobrar 30 mil". Ela reclamou.

Eu tive que fazer curso lá em Holambra, mais num sei o quê. Isso é tecnologia. Você transfere? É claro que não. Custou caro pra danar.

Tem um cara aqui, dono de uma indústria em Taubaté. Eu tenho 400 plantinhas de framboesa aqui, ele tem 80 mil. Ele colhe 40 gramas de framboesa, eu colho 400 gramas. Ele fechou o negócio dele. É tecnologia. É a abordagem tecnológica, abordagem de conhecimento.

Jornal do SindCT: E a gente começa a ver as pessoas saindo...

Abranches: 90% do conhecimento ainda está em gente. O computador só pega tecnologia consolidada.

Pedro: Você não tem vontade mais de voltar?

Abranches: Eu estou velho, com 67 anos. Eu trabalhava 10 horas por dia de segunda a sábado.



10 Jornal do SindCT ■ Setembro de 2011

CIDADE E CAMPO HTTP://www.sindct.org.br

ASSENTAMENTO NOVA ESPERANÇA: Conquistas na fazenda Santa Rita, em São José

Trabalhadores querem plantar, vender e ter seus filhos na escola

Famílias vendem seus produtos em feiras, asilos, entidades sociais e já venderam para merenda escolar e para o Programa Fome Zero. As dificuldades, porém, são muitas. Não há escola para as crianças, que precisam se deslocar até o centro da cidade para estudar. Mercados e farmácias mais próximos, assim como médicos, estão a mais de 20 quilômetros de distância, no mínimo

Por Fernanda Soares

Em 1994, um empresário de Caçapava adquiriu 185 al-

queires de terra na Zona Norte de São José dos Campos. A Fazenda Santa Rita, como foi denominada, utilizava toda essa terra para abrigar alguns poucos bois de rodeio.

Em 2008, com o apoio e coordenação do MST, algumas pessoas descobriram que a Fazenda Santa Rita não realizava os pagamentos ao Banco da Amazônia, de quem fora comprada. O grupo se organizou e ocupou a terra em 16 de setembro do mesmo ano.

Um acampamento foi montado e as famílias passaram a conviver com a repressão policial. "Foram dois anos fazendo pressão e vigiando o acampamento", diz o agricultor e líder do assentamento, Ovídeo Ferreira Dias.

No início da ocupação, fica-



ram em acampamentos improvisados na entrada da fazenda. Com a chegada das chuvas, o acampamento foi invadido pela lama, pois ficou instalado na parte baixa do terreno. Após esse fato, decidiram ocupar as casas espelhadas pela fazenda. Foi quando passaram a receber ameaças.

Somente após dois anos recebendo uma série de liminares de despejo, o grupo conseguiu a posse das terras.

Hoje vivem ali mais de 200 pessoas

O terreno foi dividido entre as 63 famílias que participaram

da ocupação. Cada uma recebeu quatro hectares e meio de terra. A antiga fazenda conta ainda com áreas de proteção ambiental, áreas sociais: 30% de todo o terreno e considerada área de reserva.

A área de reserva, determinada por lei, necessita de reflorestamento urgente. São cerca de 150 hectares aguardando investimentos para a recuperação da mata nativa e preservação ambiental.

Enquanto os órgãos do governo não se manifestam e não oferecem apoio ao reflorestamento, os moradores estão recuperando a mata aos poucos. Conforme vão conseguindo mudas das plantas nativas, elas são plantadas nas áreas sociais, garantindo a continuidade da mata.

Assentados não vão vender suas terras

Para evitar a exploração imobiliária no local, os moradores se reuniram em assembleia e decidiram que essas terras não podem ser vendidas. Se houver alguma desistência em permanecer no local devido às dificuldades que enfrentam, a

terra do desistente será transferida aos filhos dos que querem permanecer no assentamento.

E as dificuldades são muitas. Não há escola para as crianças, que precisam se deslocar até o centro da cidade para estudar. Mercados e farmácias mais próximos, assim como médicos, estão a mais de 20 quilô-

metros de distância, no mínimo.

Para plantar, não recebem auxílio. O senhor Ovídeo relata que as famílias podem fazer empréstimos para investir na agricultura, porém os juros são altos e a maioria dos moradores já ficou endividada.

Mesmo com todas essas dificuldades, o assentamento investe na agricultura orgânica, como a família de Maria Regiane Correa dos Reis "A gente remove os matinhos assim, na mão, não tem nada de agrotóxicos", diz.

As famílias vendem seus produtos em feiras, asilos, entidades sociais e já venderam para merenda escolar e para o Programa Fome Zero. Para melhorar a distribuição, esse e outros cinco assentamentos do Vale do Paraíba, estão organizando uma cooperativa regional de produção agropecuária e piscicultura.

Esquecidos pelo poder público logo após a conclusão do assentamento, os moradores lutam para viver da terra que demoraram a conquistar.



DOIS PESOS, DUAS MEDIDAS: Para uns tudo, para outros nada

Vereadores têm aumento de 55%

Manifestações de jovens, estudantes e membros de movimentos sociais

contra o aumento dos salários dos vereadores marcaram as últimas semanas na cidade.

Por Marina Schneider

R\$ 12.907,05. Este será o valor do salário dos vereadores

de São José dos Campos a partir da próxima legislatura, que começa em janeiro de 2013. O aumento de 55% com relação aos R\$ 8.320,00 que os vereadores ganham atualmente foi aprovado por 14 votos a seis no dia 25 de agosto. O valor foi menor do que o proposto inicialmente, de quase 80%, que elevaria o subsídio para R\$ 15 mil. Foram contrários ao aumento os petistas Amélia

Naomi, Angela Guadagnin, Tonhão Dutra e Wagner Balieiro e Walter Hayashi (PSB) e Alexandre da Farmácia (PP).

Enquanto isso, servidores municipais permanecem em luta para que o novo Plano de Carreira proposto pela Prefeitura não seja aprovado. O Plano foi entregue na Câmara Municipal no mesmo dia da aprovação do novo salário dos vereadores. Não houve discussão anterior

com os principais interessados: os servidores municipais.

O vereador Wagner Balieiro (PT), que votou contra o aumento do subsídio, afirma que a Câmara de Vereadores tinha que ser um retrato da sociedade e que este aumento amplia a distância entre os vereadores e a população. "É necessário discutir o papel do vereador em São José. Está faltando fiscalizar o executi-

vo, acompanhar o orçamento com audiências públicas e trabalhar propostas que incentivem a participação da população na definição das leis e políticas", critica.

Ângela Guadagnin (PT), lembra que as discussões sobre o aumento dos subsídios dos vereadores são feitas desde fevereiro. "Já naquela ocasião a bancada do PT decidiu que votaria contra", conta a vereadora.



Veja o filme produzido pelos estudantes: http://youtu.be/ M5aMSpLAylE

No dia em que foi aprovado o aumento de 55% no subsídio dos vereadores centenas de pessoas se reuniram próximo à Câmara Municipal para protestar. Outras manifestações e já tinham sido feitas antes e continuam acontecendo, mesmo após a aprovação do aumento.

No dia 1º de setembro, estudantes e jovens realizaram um protesto em São José contra o reajuste do salário dos vereadores.

De acordo com representantes da Organização de Jovens e Estudantes (OJE), os manifestantes também saíram às ruas em repúdio a uma lei homofóbica aprovada na cidade.

Segundo essa lei, todo professor que disser a palavra "homossexualidade" e afins terá que pagar uma multa à Prefeitura de São José. Isso porque, no entendimento dos parlamentares, estaria "induzindo" os alunos à homossexualidade. Um vídeo de menos de cinco minutos registra toda essa luta de jovens e estudantes.



Servidores rejeitam Plano de Carreira que tira direitos

Para os vereadores aumento, para os servidores retirada de direitos

A proposta de Plano de Carreira da Pefeitura tira beneficios e direitos conquistados pelos servidores e estipula cotas para progressões e promoções.

De acordo com a Diretoria do Sindicato dos Servidores Municipais de São José dos Campos (Sindserv), com o novo Plano o servidor poderá ter sua aposentadoria comprometida com vencimentos abaixo dos seus salários atuais, pois abonos e gratificações serão apenas para dissimular os baixos salários.

Donizetti Aparecido de Souza (Zetão), diretor do Sindicato, ressalta que os servidores municipais estão há 15 anos sem aumento real de salário e que desde novembro do ano passado vêm pedindo a realiza-



ção de audiências públicas para discutir o novo Plano de Carreiras. Não foram atendidos.

Zelita Ramos, também do Sindserv, afirma que a Prefeitura convida grupos de servidores para conversar separadamente sobre o Plano e não responde ao pedido de audiência feito pelo sindicato. Para ela, o novo Plano muda também a vida dos servidores que têm o atual Plano de Carreira.

Gatilho não é suficiente

Além de fazer críticas ao conteúdo do Plano e à falta de diálogo com os trabalhadores, Zetão lembra que o "gatilho", que reajusta o salário dos servidores toda vez que a inflação atinge 5%, não é suficiente para repor as perdas. "A cidade da tecnologia, capital do avião, para nós do sindicato passou a ser a capital da exploração do trabalhador", afirma.

Zelita lembra que o novo salário dos vereadores antecipa a projeção de inflação de 2016 e que esta possibilidade não é colocada para os servidores municipais. "No caso dos servidores, o gatilho não pode ser antecipado nem por dez dias. O direito não serve para todos".

O aumento do salário dos vereadores também é visto com indignação por Zetão. "Não é justo. Eles têm que ter apenas o reajuste da inflação, igual tem sido feito com o servidor", protesta.

o dia 31 de agosto os servidores fizeram uma paralisação de 24 horas e ocuparam o Paço Municipal, protestando contra o novo Plano de Carreira. Após a manifestação houve uma passeata até a Praça Afonso. A categoria também foi à Sessão de Câmara dos Vereadores no dia 2 de setembro para pressionar os vereadores. A mobilização dos trabalhadores provocou um recuo na aprovação do Plano, que inicialmente seria feita a toque de caixa. "Nossas manifestações fizeram com que acabasse o rito de urgência inicial. Com isso, o Plano deve ser votado na primeira quinzena de outubro", conta Zelita Ramos.

Jornal do SindCT ■ Setembro de 2011

MUNDO http://www.sindct.org.br



NEOLIBERALISMO: O barco faz água e os povos acordam

O Chile continua a ser um exemplo

Londres, Atenas, Madrid, Santiago: não há mistério, as explicações são lógicas

12

Por Vito Giannotti

O ano de 2011 começou com as revoltas nos países árabes. Depois, o centro das manifestações passou para Atenas, Madrid, Barcelona, Paris. Em agosto as praças de Santiago do Chile, Londres e Madrid encheram-se de milhares de manifestantes "indignados". Aqui na América Latina, em Santiago do Chile, dezenas de milhares de jovens retomaram os protestos contra a privatização do ensino. Este movimento tem mais de três anos. Começou com a chamada "Revolta dos Pinguins" em alusão à farda escolar obrigatória dos estudantes imposta pela Ditadura assassina de Pinochet. A revolta deste agosto se ampliou e passou dos estudantes a todas as camadas sociais que foram atingidas pela política neoliberal de retirada de inúmeros direitos, outrora orgulho dos chilenos.

De modelo socialista a modelo neoliberal

O Chile, com a eleição de Salvador Allende, em 1970, passou a ser a esperança de milhões de socialistas, na América Latina e do mundo. O governo da Unidade Popular não poderia dar certo, na visão geopolítica do Grande Irmão imperialista da época. E assim, os EUA, com a burguesia chilena tramaram e deram o golpe que implantou a ditadura militar para exterminar este péssimo exemplo para o mundo. Trabalhador teria que pensar só em trabalhar, estudante em estudar, e acabar com qualquer sonho de um país socialista.

Mas o Chile foi escolhido pelos Chicago Boys, os portaestandartes do neoliberalismo

mundial, para ser um país exemplar da nova política a ser implantada no mundo, ao mesmo tempo em que o pólo socialista/comunista se desintegrava. E foi assim que o Chile aplicou a receita do neoliberalismo de Milton Friedman e Hayek. Prisões, torturas e assassinatos sem número, desaparecidos, repressão generalizada e campo livre para a privatização de toda a economia e retirada dos famosos direitos do povo chileno, com sua educação, saúde e serviços exemplares. Um belo exemplo, extremo, de governo neoliberal.

Da derrota nas urnas às batalhas nas ruas

Após 20 anos de governo da tal "Concertación", um governo híbrido, nem carne nem peixe, a direita, em 2010, voltou oficialmente ao poder. Só que o jogo está complicado. Hoje, o Chile está no caminho da Europa e dos países árabes,

juntam, berram, incendeiam carros e lojas a despeito de toda a repressão. Lá, não há mistério. Na França houve grandes mobilizações em 2005 contra a reforma da Seguridade Social. Hoje, em Londres, Dublin, Lisboa, Madrid, Atenas, Tel Aviv e até na anestesiada Roma de Berlusconi, centenas de milhares de manifestantes gritam contra o desemprego, os salários cada vez menores, a precarização e a retirada pura e simples de históricos direitos trabalhistas e sociais. Ou seja, se revoltam contra as consequências do modelo neoliberal que dominou o mundo, quase inconteste, durante 30 anos, a partir do exemplo chileno. O nome do grande inimigo que orquestra as rebeliões de hoje é neoliberalismo que a começar do Chile de Pinochet, impôs o pensamento único ao mundo, junto com o seu FMI, sua Fox News e, claro, as armas do Pentágono.

onde massas enfurecidas se

Tudo isso a mídia quer esconder

Para as agências de notícias que alimentam jornais, rádios e TVs do mundo inteiro, os iovens manifestantes de Londres, Barcelona, Atenas ou de Santiago do Chile não passam de vândalos, revoltados sem causa e quando não quase terroristas. A mídia empresarial/comercial do mundo e nossas Globos, Vejas e FSP juntas, nada dizem dos maiores índices de desemprego, na Europa, após a famosa crise de 1929. Países outrora "modelo" como França, Inglaterra e Suécia têm, hoje, uma média de mais de 20% de jovens entre 16 e 24 anos, desempregados. E o Chile? Cadê o exemplo de país que deu certo? Não há mais escola pública, saúde pública e serviços. Quem puder que pague! É por isso que os estudantes, os "Pinguins" arrastaram para as ruas centenas de milhares de manifestantes. O inimigo deixa de ser oculto e passa a ter nome e sobrenome: Projeto Neoliberal.